

Crianças refugiadas que se salvaram através de Portugal durante a Segunda Guerra Mundial (1940-1944)

Refugee children who were saved through Portugal during the Second World War (1940-1944)

CAROLINA HENRIQUES PEREIRA¹

Universidade de Coimbra, Centro de História da Sociedade e da Cultura, Faculdade de Letras

carolinahenriques94@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-7313-2560>

Texto recebido em / Text submitted on: 29/12/2021

Texto aprovado em / Text approved on: 18/04/2022

Resumo. Durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e, sobretudo, a partir de 1940, ano das principais ocupações e anexações da Europa Ocidental por parte do exército alemão, centenas de crianças em fuga encontraram refúgio provisório neste pequeno, pobre e isolado país do sudoeste europeu, antes de conseguirem embarcar para territórios além-mar, como os Estados Unidos da América. Para além do caso mais conhecido da Colónia Infantil e Balnear de São Pedro do Estoril, algumas crianças ficaram “internadas” na Escola Agrícola de Paiã (Lisboa); no Colégio da Bafureira, na vila de Parede, em Cascais; na Casa Pia (Lisboa); na Santa Casa da Misericórdia de Lisboa; e em centros de acolhimento, como o caso do Centro de Acolhimento da Cruz Vermelha, no Estoril. Organizações internacionais de auxílio como a *American Jewish Joint Distribution Committee* (JOINT), o *American Friends Service Committee* (AFSC, Quakers) e o *Unitarian Service Committee* (USC) organizaram e financiaram, sob o patrocínio de Eleanor Roosevelt e do *United States Committee for the Care of European Children* (USCOM), o salvamento e a estadia destas crianças. Apesar de terem permanecido em Portugal por um breve período, foi-lhes possível escapar de uma Europa em chamas e partir sãs e salvas para países além-mar. Através de uma análise qualitativa e quantitativa, este artigo visa contribuir para o conhecimento histórico do Fenómeno de refúgio de crianças em Portugal durante esta Guerra fratricida.

Palavras-Chave. Segunda Guerra Mundial, Portugal, Crianças Refugiadas, Lisboa.

Abstract. During the Second World War (1939-1945), and especially as from 1940, the year in which the German army conducted the main occupations and annexations in Western Europe, hundreds of children fleeing found temporary refuge in this small, poor and isolated country in southwest Europe, before managing to depart on ships sailing overseas to countries such as the United States of America. Besides the best-known case of the *Colónia Infantil e Balnear de São Pedro do Estoril*, some children were “boarded” at the *Escola Agrícola de Paiã* (Lisbon), at *Colégio da Bafureira*, in the town of Parede, in Cascais, at *Casa Pia* (Lisbon), at *Santa Casa da Misericórdia de Lisboa* and in shelters such as the *Centro de Acolhimento da Cruz Vermelha*, in Estoril. Under the sponsorship of Eleanor Roosevelt and the *United States Committee for the Care of European Children* (US-

¹ Bolseira de Doutoramento da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (Referência SFRH/BD/143217/2019).

COM), international aid organisations such as the American Jewish Joint Distribution Committee (JOINT), the American Friends Service Committee (AFSC, Quakers) and the Unitarian Service Committee (USC) organised and funded the rescue and subsistence of these children. Although their stay in Portugal was brief, it was possible for them to escape from a blazing Europe and depart, safe and sound, to overseas countries. Through a qualitative and quantitative analysis, this article aims to contribute towards the historical knowledge of the phenomenon of Portugal as a place of refuge for children during that fratricidal War.

Keywords. Second World War, Portugal, Refugee Children, Lisbon.

Introdução

Em 1941, o norte-americano William David Bayles (1908-2000) intitulava a capital portuguesa de “Europe’s Bottleneck”, o local para onde confluíam milhares de refugiados em fuga de Hitler e da Guerra. Nas suas palavras, os refugiados enchiam a grande maioria dos quartos de Lisboa “and overflow into the little villages outside” (*Life Magazine*, 28 de abril de 1941, fl. 77), situação recorrente desde os meses de maio e de junho de 1940, com origem nas ocupações e anexações dos principais países da Europa Ocidental – Luxemburgo, Bélgica, Países Baixos e França – por parte das tropas alemãs. A situação piorou em junho de 1940, com a queda de Paris e a ocupação parcial de França pelos nazis (na sequência do Armistício Franco-Alemão de 22 de junho) e, mais tarde, em novembro de 1942, com a ocupação total (DIAMOND 2007), o que provocou um novo fluxo de refugiados para Portugal, ainda que em muito menor número que o anterior.

Para além da capital portuguesa e da cidade do Porto outras localidades se tornaram, neste período, espaços de acolhimento transitório para os refugiados provenientes dos mais variados países europeus. As designadas zonas de “residência fixa”, determinadas pelo governo português e sob forte controlo da Polícia de Vigilância e Defesa do Estado (PVDE), localizavam-se na sua maioria na região centro e litoral do país (PIMENTEL 2006; PEREIRA 2017).

No entanto, e apesar do que se tem publicado relativamente à presença de milhares de estrangeiros em Portugal, pouco se tem escrito sobre os grupos de crianças, órfãs e abandonadas à sua sorte, trazidos pelas organizações humanitárias com o objetivo de seguirem para territórios além-mar como os Estados Unidos da América. Salvo raras exceções (HEINRICH, VARGAS e WINTERBERG 1994: 17; PIMENTEL 2006: 213-215; PIMENTEL e NINHOS 2013: 442-445; KAPLAN 2020: 58-61) o tema das crianças que passaram por Portugal rumo aos Estados Unidos da América tem recebido pouca atenção. A quem se

deve a sua passagem por território português? Quais as razões que determinaram a sua estadia temporária? Que organizações prestaram auxílio? De que países vinham estas crianças? Quantas eram? Onde ficaram alojadas? Estas são algumas das perguntas a que se tentará responder neste artigo. Ainda que algumas destas questões já tenham sido respondidas nos trabalhos citados, outras permanecem por responder, como quantas crianças eram e onde ficaram alojadas.

Privilegiando fontes impressas, de periódicos portugueses como *A Vida Mundial Ilustrada*, *O Século Ilustrado*, *O Século*, *O Primeiro de Janeiro* e internacionais, caso do *The New York Times*, complementadas por fontes documentais do *American Jewish Joint Distribution Committee* (JOINT), do *American Friends Service Committee* (AFSC), do *Unitarian Service Committee* (USC) e do *Arquivo Nacional da Torre do Tombo* (ANTT), este artigo debruça-se sobre o acolhimento de crianças refugiadas, judias e não-judias, em Portugal, durante a Segunda Guerra Mundial. O acolhimento provisório na região de Lisboa deu-se em espaços como a Escola Agrícola de Paiã (Odivelas), a Colónia Infantil e Balnear de São Pedro do Estoril, criada e patrocinada pelo jornal *O Século* desde 1927, o Colégio da Bafureira (Parede, Cascais), a Casa Pia de Lisboa, a Santa Casa da Misericórdia de Lisboa e em centros de acolhimento, como o Centro de Acolhimento da Cruz Vermelha, no Estoril. Este artigo é suportado por metodologias qualitativas e quantitativas, através de estudos de caso, e tem como objetivo dar a conhecer diversos espaços de acolhimento de crianças refugiadas na região de Lisboa, entre os anos de 1940 e 1944, contribuindo assim para um maior conhecimento histórico do fenómeno de refúgio em território nacional durante este período.

Portugal na rota dos refugiados da Segunda Guerra Mundial

A perseguição e os vexames públicos contra os judeus, por parte da Alemanha nazi, começaram a sentir-se logo em 1933, contudo, a escalada de terror iniciou-se em 1935, com a promulgação das Leis raciais de Nuremberga e continuou ao longo da década de 1930: em março de 1938, a Alemanha integrou a Áustria no Reich alemão, em setembro anexou a região dos Sudetas e entre os dias 9 e 10 de novembro do mesmo ano levou a cabo um *pogrom*, conhecido por “Noite de Cristal” (“Kristallnacht”), que consolidaria a sua política antisemita. Ao mesmo tempo, e ainda que não existisse “um programa predeterminado e consistente de genocídio” contra os judeus, neste período, (PIMENTEL 2020: 111), o processo que culminaria no designado Holocausto (ou Shoah) estava em curso. Aliás, e como afirma Irene Pimentel, citando autores como Raul Hilberg, Yehuda Bauer e Tal Bruttman, a política

nazi relativamente aos judeus concretizou-se em quatro etapas: a primeira etapa desenvolveu-se entre 1933 e 1939 (PIMENTEL 2020: 112-120); a segunda entre setembro de 1939 e o verão de 1941 (PIMENTEL 2020: 121-132); a terceira entre junho de 1941 e até ao final desse ano (PIMENTEL 2020: 133-147); e, por fim, a fase final deu-se entre setembro de 1941 e 1944 (PIMENTEL 2020: 151-184). Assim, e se numa fase inicial, os alemães praticaram uma política de emigração forçada dos judeus para fora dos territórios da Alemanha e dos países por esta ocupados, de forma a criar um Reich “livre de judeus” (SCHAEFER 2014: 95), mais tarde, vai proibir e perseguir todos os que tentavam fugir. É neste contexto que Portugal – um país pequeno e ditatorial do sudoeste da Europa – se insere na rota de fuga internacional de refugiados.

Os primeiros refugiados chegaram a território português em 1933, logo após a subida de Hitler ao poder (PIMENTEL 2006: 25-28). Contudo, somente a partir de 1940 é que Portugal se viu confrontado com um fluxo massivo de estrangeiros provenientes, na sua maioria, dos principais países da Europa Ocidental. Numa fase inicial, chegavam munidos de vistos de trânsito, válidos por trinta dias e renováveis, passados por cônsules portugueses, como Aristides de Sousa Mendes (em Bordéus, Hendaia e Baiona) e, mais tarde, vieram sobretudo de forma ilegal. O governo português, à semelhança de outros Estados europeus, seguiu uma política de portas fechadas em relação aos refugiados, causando dificuldades e constrangimentos burocráticos a todos os que pretendessem passar por Portugal no seu trajeto de fuga. Desta forma, e apesar de ter permitido aos estrangeiros que residissem, de forma temporária, no país, limitou-lhes ao máximo a liberdade de circulação, proibiu-os de exercer a sua profissão e recusou-se a prestar qualquer auxílio financeiro aos mesmos. Por esta razão, autorizou algumas organizações humanitárias a abrirem delegações na capital, ficando estas com a responsabilidade de custear a estadia dos refugiados com menores recursos financeiros, bem como, solucionar de forma rápida a sua saída para países como os Estados Unidos da América, Canadá, Inglaterra e Brasil.

Organizações judaicas como o *American Jewish Joint Distribution Committee* (JOINT)², o *Hebrew Immigrant Aid Society* (HIAS-HICEM) e, no caso português, a Comissão Portuguesa de Assistência aos Judeus Refugiados em Portugal (Comassis)³ e, ainda, não judaicas, como o *American Friends Servi-*

² Esta organização internacional de auxílio aos refugiados judeus instalou-se em Portugal, em 1940, no Hotel Metrópole, Rossio (Lisboa) e, mais tarde, fixou-se na Rua Áurea (ou Rua do Ouro), n.º 242, JOINT, pasta 896 (1940-1942), 9 de julho de 1940.

³ A Comassis, fundada por Augusto d'Esaguy, funcionou na Avenida da República, n.º 17 e, mais tarde, na Rua

ce Committee (AFSC), o Emergency Rescue Committee (ERC)⁴ e o Unitarian Service Committee (USC)⁵ cooperaram internacionalmente de forma a solucionar o problema dos refugiados. Ainda que tivessem objetivos distintos – organizações como a JOINT prestavam apoio direto aos estrangeiros, nomeadamente através de auxílio financeiro, enquanto outras como a HICEM⁶, tratavam de assuntos relacionados com a emigração, desde logo, a obtenção de vistos junto dos consulados e a comparticipação na compra de passagens marítimas ou aéreas para um terceiro destino – todas contribuíram para o auxílio humanitário a estes deslocados. Foi, em grande parte, devido ao esforço conjunto destas organizações, com a concordância do governo português, que milhares de refugiados conseguiram encontrar refúgio – e não exílio – em território nacional. Para além de intelectuais, artistas, políticos, famílias reais e pessoas comuns, Portugal permitiu a passagem de centenas de crianças em trânsito para os Estados Unidos da América.

Crianças refugiadas na Escola Agrícola de Paiã (1940)

Em finais de novembro de 1940, poucos meses após a invasão e a anexação dos países da Europa Ocidental por parte da Alemanha nazi, chegaram à Escola Agrícola de Paiã (desde 1995 designada por “Escola Profissional Agrícola D. Dinis-Paiã”), na Pontinha (Odivelas, Lisboa), “50 crianças estrangeiras refugiadas” (*O Primeiro de Janeiro*, 3 de dezembro 1940, fl. 6, col. 5 e *O Figueirense*, 7 de dezembro de 1940, fl. 4, col. 3). Estas crianças foram acompanhadas até Portugal por Martha Sharp, mulher do reverendo unitarista Waitstill Sharp e delegada em Marselha de comités norte-americanos de auxílio a refugiados. Enquanto Waitstill trabalhava no auxílio a refugiados no escritório do *Unitarian Service Committee* em Lisboa, Martha organizava a recolha e a distribuição de leite para as crianças na França de Vichy⁷, tendo con-

Rosa Araújo, n.º 12, em Lisboa, de 1933 a 1941. Era financiada pela organização norte-americana JOINT, reconhecida pelo Estado português e extinguiu-se aquando da entrada dos EUA na Guerra, no final de 1941.

⁴ O ERC era um comité norte-americano representado em Marselha pelo jornalista Varian Fry. Esta organização criou uma rede ilegal de fuga (F-Route), que funcionou de setembro de 1940 a abril de 1941, e que se destinava a auxiliar militares aliados, dissidentes políticos e judeus a sair do território francês com destino aos Estados Unidos da América. Os refugiados eram guiados, noite dentro, através dos Pirenéus por *Passseurs* e Guias de Fronteiras que os ajudavam a atravessar a fronteira entre França e Espanha. À semelhança desta organização humanitária, também o AFSC e o USC estavam determinados em solucionar a questão da emigração dos refugiados para fora da Europa ocupada.

⁵ Localizado do Hotel Métropole, em Lisboa.

⁶ A HICEM localizava-se na Rua do Arsenal, n.º 84, 1.º direito, em Lisboa.

⁷ Harvard University, Unitarian Universalist Service Committee, Administrative Records, ca. 1935-2006, Series

tado com a ajuda de Amé-Leroy, mulher do ministro francês para Portugal e Presidente da *L' Aidé à la Croix Rouge Française* que angariou diversos donativos através dos jornais portugueses para o auxílio a refugiados. A primeira organizou ainda transportes de crianças, através de Portugal, para os Estados Unidos da América a partir de Marselha, com a cooperação do *United States Committee for the Care of European Children*, organização fundada em 1940 pela Primeira-Dama norte-americana Eleanor Roosevelt⁸.

A 5 de setembro de 1940, Waitstill informou os seus superiores que Martha estava interessada em trazer até Lisboa cinquenta crianças, todavia, para que tal acontecesse iam necessitar de uma autorização de Washington e de um “block affidavit”⁹ que permitisse que estas crianças chegassem até Portugal em trânsito para a América do Norte. Resolvidos os problemas técnicos e burocráticos, nomeadamente a questão dos vistos, Martha conseguiu trazer um primeiro grupo de crianças até Lisboa. Num relatório por si redigido lê-se o seguinte:

We had just completed the registration forms and picked out fifty (50) children from some of the most distinguished families in France who were now either refugees or in great distress (...). By ten o'clock the Portuguese officials were examining our luggage again, and at 4.30 p.m. we arrived in Lisbon (...). We were met at the station by Madame Tallon (our secretary in Lisbon), the French Consul General, the Austrian Consul, and the President of the Junta of Estremadura, Portugal. Madame Tallon had provided an autobus and arranged for hospitality for the children at the Agricultural School at Pais [Paiã]. The group stayed in this school for two weeks (HU, UUSC, Executive Director, Robert Dexter. Records, 1940-1941, Sharp, Martha, memoranda, Box 2, Folder 39, Children's Emigration Project, Martha Sharp, 1941, fl. 5 e fls. 8-9).

Devido a atrasos administrativos, resultantes da papelocracia exigida, este grupo de crianças de diversas nacionalidades – americana, francesa, russa, austríaca, alemã e checoslovaca (*O Primeiro de Janeiro*, 4 de dezembro de 1940, fl. 1, col. 6) – acabou por perder o barco para os Estados Unidos da América, que partiria do porto de Lisboa às seis horas da tarde. Por esta razão, tiveram que ser internadas na Escola Agrícola de Paiã de 29 de novembro a 13 de dezembro

II, UUSC War Records, USC Lisbon, 1940, Box 4, Folder 63, Memorandum de 13 de agosto de 1940, fls. 1-6. <https://hollisarchives.lib.harvard.edu/repositories/12/resources/6407> (consultado a 25/11/2021 às 14h20).

⁸ HU, UUSC, Executive Director, Robert Dexter. Records, 1940-1941, Box 2, Folder 39, Boletim do Unitarian Service Committee, novembro de 1940 a maio de 1941, fl. 3

⁹ O *Affidavit* era um comprovativo de alguém, familiar ou não, ou de uma organização (é este o caso), onde se declarava que se comprometia a manter financeiramente uma determinada pessoa, de forma que esta não se tornasse um peso para o Estado, neste caso, para o governo norte-americano.

de 1940, até se puderem juntar aos seus pais na América do Norte. Com a cooperação do Presidente da Junta da Estremadura, António dos Santos Pedroso, estas crianças foram acolhidas, de forma provisória, nas instalações desta escola agrícola. Ao longo de duas semanas, aprenderam sobre a vida em Portugal, tiveram aulas de inglês e visitaram a Exposição do Mundo Português – realizada em Belém (Lisboa), entre 23 de junho e 2 de dezembro de 1940, com o objetivo de comemorar o Duplo Centenário da Fundação e da Restauração de Portugal (1140 e 1640) – e o Palácio Nacional de Sintra.



Fig. 1. 27 das crianças refugiadas à chegada a Nova Iorque na companhia de Martha Sharp. Fonte: Harvard University, Unitarian Universalist Service Committee, Administrative Records, ca. 1935-2006, Series II, UUSC War Records, Children's Emigration, 1940-1941, Box 4, Folder 66, recorte de jornal não identificado de 3 de janeiro de 1941.

Partiriam a bordo do navio *Excambion* e chegariam a Nova Iorque a 23 de dezembro desse ano¹⁰. No dia seguinte, o *New York Times* noticiava que o “The American Liner *Excambion* arrives here with evacuees from the War Zones” (*New York Times*, 24 de dezembro de 1940, fl. 7), identificando, entre outros, seis irmãos refugiados – Françoise, de 9 anos; Jeanne, de 14; Margaret, de 9; Cecile, de 6; Jacqueline, de 13; Louise Theis, de 11 anos. A sua breve estada em território português foi suportada pelos comités de auxílio norte-americanos já indicados.

¹⁰ HU, UUSC, Administrative Records, ca. 1935-2006, Series II, UUSC War Records, Children's Emigration, 1940-1941, Box 4, Folder 66, recorte de jornal não identificado de 3 de janeiro de 1941.

“Three minutes to say goodbye to their parents” – crianças refugiadas na Colónia Infantil e Balnear do jornal *O Século* (1941)¹¹

As colónias balneares foram criadas a partir do início do século XX por iniciativa privada e tinham como objetivo inicial combater e controlar os surtos de tuberculose que assolavam Lisboa, porém, mais tarde, adquirem um propósito de lazer caritativo em benefício de crianças desfavorecidas (MARTINS 2011: 80). Entre as várias colónias estabelecidas destaca-se a Colónia Infantil e Balnear, criada em 1927 sob o patrocínio do jornal *O Século*, que funcionava entre os meses de setembro e de outubro (CABRAL 2016: 26) e que, no verão de 1941, na sequência de um pedido das organizações internacionais de auxílio a refugiados, recebeu provisoriamente 111 crianças estrangeiras (61 do sexo masculino e 50 do sexo feminino). Ao todo, esta colónia terá recebido mais de 150 mil crianças (com idades entre os 6 e os 11 anos) até 1998 (*Boletim da Colónia Balnear Infantil de O Século*, janeiro/fevereiro 1998: 7). Desconhece-se, porém, se este número engloba as crianças refugiadas.

No verão de 1941, o jornal *O Século* recebeu um pedido formal de diversas organizações humanitárias para acolher, de forma provisória e antes da abertura oficial da colónia, um grupo de crianças refugiadas que tinha como destino os Estados Unidos da América. As 111 crianças, com idades compreendidas entre os 7 e os 16 anos, chegaram a Lisboa, vindas de França, a 3 de junho, e foram recebidas com regozijo na margem sul do rio Tejo por Philip A. Conard, delegado do *American Friends Service Committee* e por Russell Richie do *American Joint Distribution Committee*, estando também presentes Guilherme Pereira da Rosa (subdiretor do jornal *O Século*), Carlos Alberto Pereira da Rosa (diretor da Colónia Infantil e Balnear), entre outros, que “acompanharam as crianças até á colónia, em S. Pedro do Estoril, onde lhes foi servida uma leve refeição de chá, leite e pão com manteiga” (*O Século*, 4 de junho de 1941, col. 3, fl. 2). Uns dias depois, a 7 de junho de 1941, Morris C. Troper que se encontrava em Lisboa ao serviço da JOINT, escreveu uma carta a Eleanor Roosevelt a dar conta do estado de espírito destas crianças:

Quando aqui chegaram, pareciam pequenos homens e mulheres de idade, cansados, pálidos, desfeitos. Nenhum ousava rir alto e poucos sorriam – nem mesmo os mais novos, de sete e oito anos. As suas roupas estavam em farrapos. Os mais afortunados entre eles movimentavam-se pesadamente em sapatos de sola

¹¹ JOINT Archives, carta enviada por Joseph C. Hyman para os membros do Conselho Nacional da JOINT, datada de 19 de junho de 1941, excerto de uma carta enviada por Morris C. Troper a Eleanor Roosevelt a 7 de junho de 1941 (que citarei adiante), doc. NY_AR3344_00081_00915, Item ID 442672, fls. 1-3.

de madeira. Uma das cenas mais patéticas que eu jamais presenciei foi a destas crianças, libertas de restrições, tentando aprender de novo a brincar. Brincavam de uma forma áspera, como se receassem que, a qualquer momento, o sol, a praia, a comida e a nova e insólita liberdade lhes pudessem ser arrebatadas e elas fossem de novo atiradas para a miséria e para o sofrimento a que acabavam de escapar. (...) Passados alguns dias aqui, sorriam e riam um pouco – mas apreensivamente, como se por isso pudessem ser castigadas. Os resultados das vivências que nenhuma criança jamais deveria experimentar, não podem ser eliminados com facilidade. Hesitei em chamá-las e falar-lhes individualmente por causa do olhar de pânico que passou pelas suas faces quando foram escolhidas (*Fugindo a Hitler e ao Holocausto. Refugiados em Portugal entre 1933-1945* 1994: 17).

Através desta carta, bastante completa e elucidativa, é possível saber que estas crianças foram, na sua maioria, libertadas de campos de internamento localizados na zona não ocupada de França (Vichy), por intermédio de organizações humanitárias. Antes da chegada a Portugal – a viagem iniciou-se em Marselha – o comboio onde seguiam efetuou uma breve paragem na estação de Oloron-Sainte-Marie (comuna francesa pertencente ao departamento dos Pirenéus Atlânticos), onde foram concedidos três minutos às crianças para que pudessem despedir-se dos seus pais, internados no campo de Gurs.



Fig. 2. Primeira refeição das crianças refugiadas à chegada à Colónia Infantil e Balnear do jornal *O Século*.

Fonte: ANTI, Empresa Pública Jornal *O Século*, Álbuns Gerais n.º 80, doc. 1169P, PT/TT/EPJS/SF/001-001/0080/1169P. Imagem cedida pelo ANTI.

Os campos de internamento franceses – localizados, na sua maioria, em regiões fronteiriças – tinham como função isolar temporariamente indivíduos considerados perigosos e suspeitos. Ainda que fossem caracterizados como campos preventivos, as condições de vida dos internados eram rigorosas, precárias e, sobretudo, desumanas. O facto de serem espaços provisórios e construídos, em muitos casos, de forma urgente e improvisada, tornou-os locais hediondos. O campo de Gurs localizava-se no departamento dos Pirenéus Atlânticos, no sudoeste de França, a cerca de 80 quilómetros da fronteira espanhola. Este campo, tal como muitos outros pela Europa fora, passou por diversas fases de internamento (PESCHANSKI 2002). Entre 1939 e o início de 1940, internou republicanos espanhóis, civis e militares. Numa segunda fase, entre junho de 1940 e o fim do regime de Vichy, teve como objetivo o internamento de indesejáveis e de refugiados judeus. Por fim, entre 1942 e 1944, tornou-se o símbolo em Béarn do antisemitismo do regime de Vichy (VALLÉS 2016: 39) e da *Shoah*, na sequência das deportações de judeus. Claude Laharie definiu Gurs como “une misérable ville de bois” (LAHARIE 2005: 19).

Após se despedirem dos seus parentes, as crianças viajaram até Portugal, com o intuito de seguir para os Estados Unidos da América (receberam um *Affidavit* conjunto, em Marselha, a 22 de maio de 1941). Todas as crianças traziam ao pescoço uma placa identificativa que visava, não apenas a sua salvaguarda, como também preservava a sua identidade para o caso de conseguirem reunir-se com os pais quando a Guerra terminasse. Pierre Goldberg, de apenas 15 anos, ficou responsável por guardar os documentos de todos os seus companheiros e, em conversa com um jornalista português, admitiu que se perdesse “(...) algum documento é a ruína de uma vida, pois êsses papéis são o maior, o único tesouro de todos nós” (*O Século*, 5 de junho de 1941, col. 1, fl. 2).

O reconhecimento das organizações humanitárias pelo acolhimento destas crianças fez-se sentir logo nos primeiros dias. A 5 de junho de 1941, enviaram um telegrama à redação do jornal *O Século* no qual expressaram o seu profundo apreço pelo apoio dado às crianças refugiadas (*O Século*, 6 de junho de 1941, col. 1, fl. 2). Para além do acolhimento, estas crianças beneficiaram de pequenos momentos de lazer. A 7 de junho, a Sociedade Estoril Praia presenteou-as com um passeio e um almoço no Hotel do Parque. Ao fim do dia, aquando da chegada à colónia, tiveram direito a uma sessão de cinema, organizada pelo jornal *O Século*, com o apoio da Metro Goldwyn-Mayer (que cedeu as películas) e do Secretariado da Propaganda Nacional (que cedeu uma aparelhagem de projeção operada por técnicos especializados). No entanto,

as surpresas não terminaram por aqui. No dia seguinte, 50 crianças refugiadas tiveram a oportunidade de assistir à segunda mão das meias-finais da Taça de Portugal entre o Benfica e o Belenenses, oferta concedida pela direção da Federação Portuguesa de Futebol (*O Século*, 8 de junho de 1941, col. 1, fl. 2)¹².



Fig. 3. Crianças refugiadas a assistir à sessão de cinema.

Fonte: ANTT, Empresa Pública Jornal *Século*, Álbuns Gerais n.º 80, doc. 1208P PT/TT/EPJS/SF/001-001/0080/1208P. Imagem cedida pelo ANTT.

A 10 de junho de 1941, este grupo seguiria, em 3ª classe, para os Estados Unidos da América, a bordo do navio português *Mouzinho* (*O Século*, 10 de junho de 1941, cols. 6-7, fl. 1 e 11 de junho de 1941, cols. 1-2, fl. 1 e col. 1, fl. 2). A bordo seguiram também alguns refugiados apoiados pelo *Emergency Rescue Committee*, com o auxílio da *JOINT*, como o pintor Marc Chagall e a sua esposa, Robert Serebrenik, rabino do Luxemburgo, o médico vienense Maximilian Weinberger, entre outros. No arquivo do *American Jewish Joint Distribution Committee* encontra-se um vídeo de pouco mais de um minuto onde se pode ver uma multidão a despedir-se das crianças, felizes, no momento do seu embarque para a América do Norte. As placas utilizadas por estas crianças permitiram a identificação de algumas delas (*JOINT Archives, Refugee Children in Portugal embark on SS Mouzinho, Item ID 1264765, 1 a 22 de junho de 1941*). Foram os casos de Edith Kraus (nascida em Viena, a 30 de agosto de 1925) e a

¹² Veja-se também *O Século Ilustrado*, N.º 179, 7 de junho de 1941, fls. 20-21 e N.º 180, 14 de junho de 1941, fls. 4-5.

sua irmã, Gertrude Kraus (nascida em Viena, a 3 de janeiro de 1930).

Joan Boreen, filha de Edith e sobrinha de Gertrude, ficou surpreendida ao reconhecer os seus familiares enquanto assistia ao filme *Refugee Children in Portugal Embark on SS Mouzinho*¹³. O percurso de fuga destas duas crianças assemelha-se à história de muitas outras. Ao partirem de Viena de Áustria, em 1939, foram colocadas no Château de la Guette, palacete localizado a cerca de 40 quilómetros de Paris e cedido pelo proprietário, Germaine de Rothschild, para o acolhimento de mais de 130 crianças austríacas e alemãs refugiadas após a invasão alemã¹⁴. Este palacete foi uma das muitas casas para crianças judias refugiadas criadas em França neste período. Segundo a JOINT, em conjunto com a *Oeuvre de Secours aux Enfants* (OSE)¹⁵, fundaram-se 61 lares de crianças espalhados um pouco por todo o território francês¹⁶. Todavia, com a evacuação do palácio, em maio de 1940, as crianças foram levadas para La Borboule, Clermont-Ferrand, Marselha e daqui seguiram para Espanha e, posteriormente, para Portugal. Com base na lista de passageiros do navio português Mouzinho, da Companhia Colonial de Navegação, e capitaneado por Paulo da Conceição Batista, foi possível identificar as crianças que vieram para Lisboa neste grupo (Anexo 1)¹⁷.

Joseph C. Hyman, colaborador da JOINT, refere num memorando de 19 de junho de 1941, enviado para os membros do Conselho Nacional da JOINT (em Nova Iorque) que entre as organizações que participaram no acolhimento destas crianças e organizaram a sua viagem até Portugal estiveram os Quakers americanos, a Comissão Portuguesa de Assistência aos Judeus Refugiados em Portugal (Comassis), o OSE e a HICEM, as três últimas subsidiadas pela JOINT (JOINT, doc. NY_AR3344_00081_00915, Item ID 442672, 19 de junho de 1941, fl. 2). Desta forma, importa compreender que o Estado português em nada contribuiu para a ajuda direta a estas crianças, tendo sido apenas um mero observador da sua breve passagem por território nacional. Esta tomada de posição é idêntica à atitude assumida quanto à presença dos refugiados em geral, judeus ou não-judeus (PIMENTEL 2020: 361-364).

¹³ <https://archives.jdc.org/found-on-film/> (consultado a 22/11/2021 às 10h45).

¹⁴ <https://family.rothschildarchive.org/estates/105-chateau-de-la-guette> (consultado a 22/11/2021 às 11h28).

¹⁵ Organização de apoio a crianças e às suas famílias fundada em 1917, na Rússia, por médicos e intelectuais judeus, <https://encyclopedia.ushmm.org/content/en/article/childrens-aid-society-oeuvre-de-secours-aux-enfants> (consultado a 02/12/2021 às 16h19).

¹⁶ <https://archives.jdc.org/project/france-jdc-childrens-homes/> (consultado a 22/11/2021 às 11h35).

¹⁷ Lista de passageiros 47/868 do navio Mouzinho de 10 de junho de 1941, onde partiram 173 pessoas de Lisboa para Nova Iorque, JOINT Archives, NY_AR3344_00081_01029, Item ID 442750, 31 fls. Veja-se também *A Vida Mundial Ilustrada*, Ano 1, N.º 5, 19 de junho de 1941, fl. 12.

Acolhimento de um terceiro grupo (1941)

Um terceiro grupo de 45 crianças (26 rapazes e 19 raparigas)¹⁸ procedentes de França chegou a Portugal, numa carruagem especial atrelada ao comboio vindo de Madrid, a 16 de agosto de 1941. Ficaram hospedadas, por uns dias, no Colégio da Bafureira em Paredes (Cascais). Segundo noticiou *O Século* eram 26 rapazes e 19 raparigas, provenientes de Marselha e de diferentes nacionalidades – polacos, checos, alemães e austríacos – que tinham perdido os seus pais ou os tinham em campos de concentração. Vieram até Portugal acompanhados de voluntários das organizações humanitárias envolvidas, o *United States Committee for the Care of European Children* em colaboração com a *JOINT*, e o *American Friends Service Committee* (*O Século*, 17 de agosto de 1941, cols. 4-5, fl. 1 e col. 4, fl. 2).



Fig. 4. Crianças refugiadas à chegada à estação do Rossio que foram acolhidas no Colégio da Bafureira, em Paredes.

Fonte: Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, jornal *O Século*, 17 de agosto de 1941, cols. 4-5, fl. 1.

Numa carta enviada a familiares e amigos, a 16 de novembro de 1941, Philip Conard dá conta do esforço empreendido pelo *American Friends Servi-*

¹⁸ *New York Times*, 18 de agosto de 1941, fl. 2.

ce Committee, em correlação com outras organizações internacionais, para o envio de crianças refugiadas para os Estados Unidos da América. Após oito meses a trabalhar com o AFSC, em Lisboa, este refere que “so far we have handled the arrangements of three groups (a total of 215 children) from the Franco-Spanish frontier to Lisbon and on board”, todavia, e após se identificarem estes três primeiros grupos, as fontes convergem para a contabilização de 206 crianças refugiadas. E continua, dizendo, “Plans are under way for further groups. To cooperate in giving a change at life to these little innocent victims of the war is an experience that warms the heart” (AFSC, Portugal Refugee Work Letter 1941, 16 de novembro de 1941, fls. 1-5).

Continuação do “Children’s Project”¹⁹ (1942-1944)

Tal como Philip Conard referiu aos seus superiores hierárquicos do AFSC, o projeto de retirar crianças refugiadas das zonas da Europa ocupada, através de Portugal, via Estados Unidos da América continuou após 1941. O esforço conjunto de todas estas organizações humanitárias permitiu a entrada em território português de centenas de crianças a partir da primavera/verão de 1940. A 15 de junho de 1942, *O Século* noticiou que “num dos últimos comboios chegados a Lisboa com individualidades americanas que serão trocadas por outras do ‘eixo’”, vinham algumas crianças, poucas (sem identificar quantas) que “traziam estampadas no pequenino rosto as horas amargas do fluxo dessa gente passado de uma cidade para a outra, dia após dia” (*O Século*, 15 de junho de 1942, cols. 5-6, fl. 1). No final do ano de 1942, continuaram a fazer-se esforços para trazer até Portugal outros grupos de crianças, sobretudo após a ocupação total do território francês por parte da Alemanha nazi (*JOINT*, Pasta 897, Incoming cable de 16 e 26 de dezembro de 1942).

A 13 de fevereiro de 1943, Herbert Katzi, da *JOINT* em Lisboa, informou Leavitt, em Nova Iorque, que as instruções relativas ao “Children’s Project” não eram claras e, ainda, que existiam problemas com o governo português, uma vez que este apenas autorizava a entrada no país de crianças órfãs ou crianças cujos pais tivessem sido deportados, o que podia atrasar ou mesmo comprometer a deslocação destas para os Estados Unidos da América ou para o Canadá. Neste momento, encontravam-se em Lisboa vinte crianças, todavia, e segundo o princípio de atuação das embaixadas, não eram consideradas elegíveis para emigração pelo simples facto de terem pais, ainda que alguns

¹⁹ *JOINT Archives*, Pasta 897 (1943-1944), Incoming cable de 26 de dezembro de 1942.

destes estivessem internados no campo espanhol de Miranda de Ebro²⁰. Herbert Katzi referia, deste modo e de forma categórica, que necessitava urgentemente de instruções claras em relação à entrada no país de crianças que tivessem os seus parentes nos campos de internamento (*JOINT*, Pasta 897, 13 de fevereiro de 1943). Apesar de não se saber que resposta recebeu Katzi em relação ao seu pedido de esclarecimento, a retirada de crianças da zona da Europa ocupada continuou a realizar-se, inclusive de crianças não órfãs. A 14 de abril de 1943, este informou Leavitt que tinham chegado a Lisboa 29 crianças, vinte e uma provenientes de Barcelona e oito de Madrid (*JOINT*, Pasta 897, 14 de abril de 1943).

Este grupo de 29 crianças, provenientes de Espanha (juntava-se a outras 5 crianças que já se encontravam em Lisboa) chegou a Portugal a 12 de abril de 1943. O *Século*, como era já seu apanágio, noticiou a chegada destas crianças, ainda que refira, à semelhança do *New York Times* (*New York Times*, 18 de abril de 1943, fl. 13), que eram 32. Segundo este jornal:

Chegam hoje a Lisboa trinta e duas crianças filhas de famílias francesas que se refugiaram em Espanha quando da ocupação do seu país, e que seguirão para os Estados Unidos, a-fim de receberem o tratamento que a sua idade exige e que as mães, devido às suas precárias condições de vida, não lhes podem dar. A Cruz Vermelha espanhola entregá-los-á, na estação do Rossio, á sua congénere portuguesa que, de colaboração com a American Joint Distribution Committee, têm preparada a sua estadia entre nós até o seu embarque para a América do Norte (*O Século*, 12 de abril de 1943, col. 2, fl. 2).

As crianças foram divididas consoante a sua idade e o seu sexo. Os dois mais pequenos, com 14 meses e 3 anos, ficaram hospedados na Santa Casa da Misericórdia, os rapazes foram recebidos na Casa Pia de Lisboa e as raparigas instalaram-se na Colónia, em São Pedro do Estoril. Partiram de Lisboa a bordo do navio Serpa Pinto, a 18 de abril de 1943, rumo a Nova Iorque (*O Século*, 13 de abril de 1943, cols.1-2, fl. 1 e 16 de abril de 1943, cols. 2-3, fl. 1). Em setembro deste ano, chegaram a Lisboa dez crianças “que se encontravam refugiadas em Barcelona, sob a protecção da Cruz Vermelha norte-americana” (*O Século*, 23 de setembro de 1943, cols. 2-3, fl. 1), filhas de alemães e polacos. Seis eram do sexo feminino e as restantes do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 4 e os 12 anos. Ao longo do ano de 1943, como no

²⁰ O campo de Miranda de Ebro localizava-se a norte da província de Burgos e tinha uma extensão de 42.000 metros. Foi o campo franquista com maior período de vigência, dez anos, e por lá passaram mais de 15.000 estrangeiros (JUARRROS 2002: 10).

ano seguinte, continuaram a chegar a Portugal, em pequenos grupos, crianças com destino aos Estados Unidos da América, contudo, na maioria das vezes, a sua presença em território nacional não foi noticiada (JOINT, List of Jewish Refugee Children on the SS Serpa Pinto (1943-1944) e Refugee Children in Spain and Portugal Whom JDC Is Helping to Emigrate (1944))²¹.

Quadro 1 – Contagem (com %) das crianças em trânsito por Portugal (1940-1944)²²

Ano	N.º Crianças	Percentagem (%)
1940	50	17%
1941	156	53%
1942	0	0%
1943	44	15%
1944	45	15%
Total	295	100%

Fonte: Elaboração da autora com base na documentação consultada e acima citada.

A 18 de março e a 24 de agosto de 1944 chegaram a Lisboa, provenientes de Espanha, seis (entre os 7 e os 10 anos)²³ e 12 (entre os 6 e os 14 anos)²⁴ crianças refugiadas, respetivamente. Segundo informações deste jornal português, as primeiras embarcaram para os Estados Unidos da América, em rota para o Canadá, a 23 de março de 1944 a bordo do navio Serpa Pinto, enquanto as segundas ficaram instaladas em centros de acolhimento no Estoril a aguardar a sua partida. Este periódico dá ainda conta de um grupo de 27 crianças – sem identificar as nacionalidades – que se encontrava em Portugal, 15 das quais no Centro de Acolhimento da Cruz Vermelha no Estoril, que embarcaram no navio Guiné com destino à Palestina, em outubro de 1944 (*O Século*, 24 de outubro de 1944, col. 2, fl. 6)²⁵.

Este último salvamento ocorreu já após a reconquista, pelas tropas aliadas, das principais cidades francesas: Paris e Marselha, a 23 de agosto de

²¹ <https://archives.jdc.org/our-collections/names-index/lists-in-the-names-index/> (consultado a 03/12/2021 às 18h06).

²² Não se conhecem dados numéricos para o ano de 1942.

²³ *O Século*, 18 de março de 1944, col. 3, fl. 1.

²⁴ *O Século*, 24 de agosto de 1944, col. 7, fl. 8.

²⁵ Veja-se o relato de uma destas crianças, Marta de 9 anos, em *O Século Ilustrado*, n.º 358, 1944, fls. 16-17 e 22.

1944, e Lyon e Bordéus no dia seguinte. Seria, no entanto, preciso esperar até 8 de maio de 1945 para a rendição da Alemanha e o subsequente término da Guerra na Europa. Veja-se acima o Quadro 1 com a contabilização das crianças que passaram por Portugal, rumo a países além-mar, entre 1940 e 1944.

Conclusão

Na primavera/verão de 1940, na sequência da invasão e da ocupação dos principais países da Europa Ocidental – Luxemburgo, Bélgica, Países Baixos e França – o território europeu mergulhou numa espiral de terror às mãos da Alemanha nazi. Entre os milhares de refugiados que chegaram a Portugal neste período e nos anos seguintes, ainda que em muito menor número, encontravam-se algumas crianças em fuga, órfãs ou privadas dos seus pais, alguns dos quais internados em campos franceses ou espanhóis. O esforço conjunto de diversas organizações internacionais de auxílio, nomeadamente, a *American Jewish Joint Distribution Committee* (JOINT), o *American Friends Service Committee* (AFSC, Quakers) e o *Unitarian Service Committee* (USC), em correlação com o *United States Committee for the Care of European Children* (USCOM), determinou, com a conivência do Estado português, a transferência de centenas de crianças, previamente selecionadas, dos territórios ocupados para Portugal e daí para o continente americano ou para outros países além-mar, como a Palestina.

Estas transferências organizaram-se em grupos, mais ou menos numerosos consoante os períodos. Numa primeira fase, entre 1940 e 1941, entraram em território português 206 crianças e, numa fase posterior, entre os anos de 1943 e 1944 (para o ano de 1942 desconhecem-se dados numéricos), foram acolhidos 89 pequenos refugiados. No total, e tendo em conta as fontes consultadas e aqui analisadas, transitaram, de forma provisória, 295 crianças refugiadas rumo a países além-mar, a sua grande maioria com destino aos Estados Unidos da América. Identificaram-se, de igual modo, seis espaços de acolhimento localizados na região de Lisboa: a Escola Agrícola de Paiã (Odivelas), a Colónia Infantil e Balnear do jornal *O Século* (São Pedro do Estoril), o Colégio da Bafureira (Parede, Cascais), a Casa Pia (Lisboa), a Santa Casa da Misericórdia (Lisboa) e o Centro de Acolhimento da Cruz Vermelha (Estoril).

O segundo grupo, ou seja, as 111 crianças que foram recebidas na Colónia Infantil e Balnear de São Pedro do Estoril, é bastante aludido nos estudos relativos à presença de refugiados em Portugal durante a Segunda Guerra

Mundial, todavia, este artigo procurou resgatar o nome de cada uma dessas crianças (veja-se o Anexo 1). Quanto aos restantes grupos, acolhidos na região de Lisboa, são menos mencionados ou até mesmo desconhecidos. A partir de 1944, com o enfraquecimento da máquina de guerra alemã e o fim do domínio nazi em território francês, o trânsito de crianças refugiadas através de Portugal diminuiu de forma considerável. Importa, porém, destacar o trabalho desenvolvido pelos diversos delegados destas organizações humanitárias que acompanharam e cuidaram destas crianças até ao seu destino final, salvando-as dos horrores da Guerra e dando-lhes a oportunidade de começar uma nova vida²⁶.

Anexo 1 – Identificação do primeiro grupo de crianças judias refugiadas acolhidas na Colónia Infantil e Balnear de *O Século* (3 a 10 de junho de 1941)

Nº.	Nome	Sexo	Idade	Data de nascimento	Nacionalidade	Lugar Precedente	Destino
1	ABRAHAM, Irene	F	15	09/06/25	Alemanha	Marselha	Nova Iorque
2	BACHARACH, Hermann	M	15	26/01/26	Alemanha	Marselha	Nova Iorque
3	BAR, Albert	M	14	26/03/27	Alemanha	Marselha	Nova Iorque
4	BAR, Carola	F	15	17/01/26	Alemanha	Marselha	Nova Iorque
5	BAR, Martin	M	10	30/01/31	Alemanha	Marselha	Nova Iorque
6	BERGER, Herbert	M	13	11/05/28	Áustria	La Borboule	Nova Iorque
7	BERGMANN, Robert	M	10	13/12/30	Áustria	Marselha	Nova Iorque
8	BERNARD, Eisler	M	12	14/10/28	Alemanha	Marselha	Nova Iorque
9	BLAU, Rosalie	F	9	06/10/31	Alemanha	Marselha	Nova Iorque
10	CHAMETZAL-SOBE, Suzanne	F	10	02/11/29	Alemanha	Marselha	Nova Iorque
11	COHN, Berthold Martin	M	11	03/05/30	Alemanha	Marselha	Nova Iorque
12	COHN, Hans Martin	M	13	07/05/28	Alemanha	Marselha	Nova Iorque
13	DREIFUSS, Wernes	M	10	02/03/31	Alemanha	Marselha	Nova Iorque
14	ECKHAUS, Siegfried	M	15	10/07/25	Áustria	La Borboule	Nova Iorque

²⁶ Assim que chegavam aos Estados Unidos da América, muitas destas crianças ficavam ao cargo de famílias de acolhimento, ou até das organizações humanitárias, até que conseguissem reunir-se com os seus familiares.

15	EISEMANN, Albert David	M	13	16/01/28	Alemanha	Marselha	Nova Iorque
16	ESCHWEGE, Alfred	M	10	01/07/31	Alemanha	Marselha	Nova Iorque
17	FELBER, Cilli	F	15	20/01/26	Alemanha	Marselha	Nova Iorque
18	FELBER, Norbert	M	10	28/01/31	Alemanha	Marselha	Nova Iorque
19	FELDSBERG, Ilse	F	15	24/07/25	Áustria	Marselha	Nova Iorque
20	FLANTER, Karla	F	11	21/03/29	Alemanha	Marselha	Nova Iorque
21	FLANTER, Lore	F	6	05/10/34	Alemanha	Marselha	Nova Iorque
22	FRAENKEL, Albert	M	12	02/02/28	Alemanha	Marselha	Nova Iorque
23	FRAENKEL, Markus	M	15	16/04/26	Alemanha	Marselha	Nova Iorque
24	FRAENKEL, Rodolphe	M	10	13/01/31	Alemanha	Marselha	Nova Iorque
25	FREUDENTHAL, Marga Ruth Fania	F	13	25/12/27	Alemanha	Lyon	Nova Iorque
26	FUCHS, Evelyne	F	13	15/01/28	Alemanha	Marselha	Nova Iorque
27	FUCHS, Manfred	M	14	13/10/26	Alemanha	Marselha	Nova Iorque
28	GOLDBERG, Peter	M	14	19/06/26	Alemanha	Marselha	Nova Iorque
29	GRUNEBAUM, Erich	M	12	07/07/28	Alemanha	Marselha	Nova Iorque
30	GUTMAN, Edith	F	9	21/05/32	Alemanha	Marselha	Nova Iorque
31	HAFNER, Lina	F	15	19/03/26	Alemanha	Marselha	Nova Iorque
32	HAFNER, Liselotte	F	14	24/05/27	Alemanha	Marselha	Nova Iorque
33	HERMANN, Siegfried	M	15	11/12/25	Alemanha	Marselha	Nova Iorque
34	HERRMANN, Daisy Yvonne	F	15	12/02/26	Áustria	La Borboule	Nova Iorque
35	HERRMANN, Rolf Martin	M	13	22/10/25	Alemanha	Marselha	Nova Iorque
36	HERSCHEL, Walter	M	12	23/12/28	Alemanha	Marselha	Nova Iorque
37	HIRSCH, Anselm	M	14	18/05/27	Alemanha	Marselha	Nova Iorque
38	HIRSCH, Jakob	M	10	25/03/31	Alemanha	Marselha	Nova Iorque
39	HIRSCHHORN, Betti	F	12	05/10/28	Alemanha	Marselha	Nova Iorque

40	HIRSCHHORN, Simon	M	14	06/01/27	Alemanha	Marselha	Nova Iorque
41	JANNER, Julius	M	15	12/07/25	Alemanha	Marselha	Nova Iorque
42	JANNER, Siegfried	M	12	01/03/30	Alemanha	Marselha	Nova Iorque
43	KAHN, Ruth	F	15	19/07/25	Alemanha	La Borboule	Nova Iorque
44	KAICHEN, Hans	M	13	16/11/27	Alemanha	Marselha	Nova Iorque
45	KAICHEN, Leo	M	10	14/10/30	Alemanha	Marselha	Nova Iorque
46	KALGEER, Herbert	M	10	10/06/31	Alemanha	Marselha	Nova Iorque
47	KASPER, Susi	F	14	05/04/27	Alemanha	Marselha	Nova Iorque
48	KONIG, Lucie Regine	F	15	13/01/26	Alemanha	Marselha	Nova Iorque
49	KONIG, Ruth	F	14	03/03/27	Alemanha	Marselha	Nova Iorque
50	KOPSTEIN, Ernst	M	12	05/02/29	Alemanha	Marselha	Nova Iorque
51	KRAUS, Edith	F	15	30/08/25	Áustria	La Borboule	Nova Iorque
52	KRAUS, Gertrude	F	11	03/01/30	Áustria	La Borboule	Nova Iorque
53	KUFLIK, Henni Sara	F	15	05/03/26	Alemanha	Marselha	Nova Iorque
54	KUFLIK, Itte	F	12	08/10/28	Alemanha	Marselha	Nova Iorque
55	LANDSBERG, Ruth	M	15	06/03/26	Alemanha	Marselha	Nova Iorque
56	LICHTER, Doris	F	11	17/02/30	Alemanha	Marselha	Nova Iorque
57	LIESEL, Weil	F	11	11/10/30	Alemanha	Marselha	Nova Iorque
58	LONNERSTAD- TER, Heinz	M	15	06/09/25	Alemanha	Marselha	Nova Iorque
59	LONNERSTAD- TER, Walter	M	12	21/06/28	Alemanha	Marselha	Nova Iorque
60	LOW, Henryk	M	15	10/04/26	Polónia	Marselha	Nova Iorque
61	MAHLER, Emmy Sylvia Sara	F	16	31/12/24	Áustria	La Borboule	Nova Iorque
62	MAHLER, Gerhard Herbert	M	13	29/02/28	Áustria	La Borboule	Nova Iorque
63	MAYER, Edith Sara	F	15	13/11/25	Alemanha	Marselha	Nova Iorque
64	MEYER, Elfrida	F	14	08/06/26	Alemanha	Marselha	Nova Iorque
65	MOSES, Josef	M	15	15/10/25	Alemanha	Marselha	Nova Iorque
66	OBERSTTZKER, Gert Arno	M	15	14/07/25	Alemanha	Marselha	Nova Iorque

67	PIFFERLING, Gertrude	F	14	02/12/27	Alemanha	Marselha	Nova Iorque
68	PFUTZNER, Heinz Warner	M	15	20/05/25	Alemanha	Marselha	Nova Iorque
69	PISA, Lucie	F	15	19/09/26	Alemanha	Marselha	Nova Iorque
70	REISS, Helen	F	14	25/07/26	Alemanha	Marselha	Nova Iorque
71	ROSENBAUM, Kurt	M	15	29/04/26	Alemanha	Marselha	Nova Iorque
72	ROSENTHAL, Fred Efrain	M	15	22/02/26	Polónia	Marselha	Nova Iorque
73	ROSENTHAL, Manfred	M	14	19/09/26	Alemanha	Marselha	Nova Iorque
74	RUBENKES, Alice	F	15	25/11/25	Áustria	Marselha	Nova Iorque
75	SAENGER, Ruth Minna	F	15	06/10/25	Alemanha	Marselha	Nova Iorque
76	SAFRIN, Dora	F	7	02/05/34	Alemanha	Marselha	Nova Iorque
77	SAFRIN, Fanny	F	12	05/04/29	Alemanha	Marselha	Nova Iorque
78	SAFRIN, Max	M	9	26/07/31	Alemanha	Marselha	Nova Iorque
79	SAFRIN, Ruth	F	13	15/10/27	Alemanha	Marselha	Nova Iorque
80	SAFRIN, Wolf Siegmund	M	14	01/11/26	Alemanha	Marselha	Nova Iorque
81	SAILBERMANE, Hannelore	F	15	26/06/26	Alemanha	Marselha	Nova Iorque
82	SALMON, Pauline Ruth	F	14	06/08/26	Alemanha	Marselha	Nova Iorque
83	SAMSON, Suse Lore Alice	F	15	05/05/26	Alemanha	Marselha	Nova Iorque
84	SAUER, Ingeborg	F	12	21/02/29	Alemanha	Marselha	Nova Iorque
85	SCHERZER, Felix	M	15	24/07/26	Áustria	La Borboule	Nova Iorque
86	SCHNAPP, Stella	F	15	15/04/26	Alemanha	Marselha	Nova Iorque
87	SCHRAGENHEIM, Margot	F	13	22/05/28	Alemanha	Marselha	Nova Iorque
88	SCHUSTER, Heinz	M	15	15/03/26	Alemanha	Marselha	Nova Iorque
89	SCHWARZ, Guenteer	M	13	01/02/28	Alemanha	Marselha	Nova Iorque
90	SCHWARZ, Herbert	M	16	16/05/25	Alemanha	Marselha	Nova Iorque
91	SILLET, Josef	M	14	22/12/26	Áustria	Marselha	Nova Iorque

92	SINASOEN, Heinz Lothar	M	12	25/10/28	Alemanha	Marselha	Nova Iorque
93	SINGER, Hans Wilhelm	M	12	09/05/29	Alemanha	Marselha	Nova Iorque
94	SOSTHEIM, Klaus	M	15	01/03/26	Alemanha	Marselha	Nova Iorque
95	STEINHARDT, Jules	M	11	27/08/30	Alemanha	Marselha	Nova Iorque
96	STEINHARDT, Kurt	M	9	14/02/32	Alemanha	Marselha	Nova Iorque
97	STERN, Erwin	M	12	04/04/29	Alemanha	Marselha	Nova Iorque
98	STERN, Therese	F	9	29/03/32	Alemanha	Marselha	Nova Iorque
99	STRAUSS, Fritz	M	14	14/09/26	Alemanha	Marselha	Nova Iorque
100	SUSSEL, Helga	F	15	21/06/25	Alemanha	La Borboule	Nova Iorque
101	TUGENDREI- CH, Michel	M	13	10/06/28	Alemanha	Marselha	Nova Iorque
102	UJHELY, Vera	F	16	28/08/24	Alemanha	Marselha	Nova Iorque
103	VALFER, Ernst	M	15	07/04/25	Alemanha	Marselha	Nova Iorque
104	VULKAN, Gertrud	F	15	30/04/26	Alemanha	Marselha	Nova Iorque
105	WEINBERG, Margot	F	13	06/06/29	Alemanha	Marselha	Nova Iorque
106	WEISS, Frymet	F	15	26/04/25	Polónia	Marselha	Nova Iorque
107	WEISS, Pesel	F	13	05/04/28	Polónia	Marselha	Nova Iorque
108	WOLF, Ernst	M	14	30/05/27	Alemanha	Marselha	Nova Iorque
109	WOLF, Grete	F	11	22/08/29	Alemanha	Marselha	Nova Iorque
110	WOLF, Heinz	M	15	11/10/26	Alemanha	Marselha	Nova Iorque
111	WOLFGANG, Sass Herbert	M	14	11/01/27	Alemanha	Marselha	Nova Iorque

Fonte: Elaboração da autora com base na lista de passageiros do navio Mouzinho, datada de 10 de junho de 1941 (JOINT Archives, NY_AR3344_00081_01029, Item ID 442750, fls. 24-28).

Bibliografia

CABRAL, Joana (2016). *Arquitetura para a Infância: evolução e caracterização dos jardins-de-infância em Portugal desde 1882*. Dissertação de Mestrado em Arquitetura apresentada ao Instituto Superior Técnico de Lisboa, em maio de 2016.

DIAMOND, Hanna (2007). *Fleeing Hitler, France 1940*. Oxford: Oxford

University Press.

- HEINRICH, Christa; VARGAS, Merete e WINTERBERG, Hans (eds.) (1994). *Fugindo a Hitler e ao Holocausto. Refugiados em Portugal entre 1933-1945*. Lisboa: Goethe-Institut Lissabon.
- JUARROS, Román-Fernando (2002). “Campos de concentración en la provincia de Burgos (1936-1939)”. *Congreso los campos de concentración y el mundo penitenciario en España durante la Guerra Civil y el franquismo*, Barcelona, 21 a 23 de outubro.
- KAPLAN, Marion (2020). *Hitler's Jewish Refugees. Hope and anxiety in Portugal*. New Haven: Yale University Press.
- LAHARIE, Claude (2005). *Gurs: 1939-1945. Un camp d'internement en Béarn*. Biarritz: Atlantica.
- MARTINS, Pedro (2011). *Contributos para uma História do ir à praia em Portugal*. Dissertação de Mestrado em História Contemporânea apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, em setembro de 2011.
- PEREIRA, Carolina (2017). *Refugiados da Segunda Guerra Mundial nas Caldas da Rainha (1940-1946)*. Lisboa: Edições Colibri.
- PESCHANSKI, Denis (2002). *La France des camps. L' internement, 1938-1946*. Paris: Gallimard.
- PIMENTEL, Irene (2006). *Judeus em Portugal durante a II Guerra Mundial. Em fuga de Hitler e do Holocausto*. Lisboa: A Esfera dos Livros.
- PIMENTEL, Irene (2020). *Holocausto*. Lisboa: Temas e Debates – Círculo de Leitores.
- PIMENTEL, Irene e NINHOS, Cláudia (2013). *Salazar, Portugal e o Holocausto*. Lisboa: Temas e Debates – Círculo de Leitores.
- SCHAEFER, Ansgar (2014). *Portugal e os refugiados judeus provenientes do território alemão (1933-1940)*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- VALLÉS, Émile (2016). *Itinéraires d'internés du camp de Gurs 1939-1945*. Pau: Éditions CAIRN.

